



**INSTITUTO LATINO AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E
POLÍTICA (ILAESP)**

**LICENCIATURA EM FILOSOFIA -
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO (TCC) I**

CAUSA E EFEITO E CERTEZA

O PAPEL DA IMAGINAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE CONVICÇÕES EM HUME

EDUARDO FELIPE SILVEIRA

FOZ DO IGUAÇU

2025

**INSTITUTO LATINO AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**



**LLICENCIATURA EM
FILOSOFIA - TRABALHO DE
CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) I**

CAUSA E EFEITO E A CERTEZA

O PAPEL DA IMAGINAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE CONVICÇÕES EM HUME

EDUARDO FELIPE SILVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Doutor Tito Alencar Flores

FOZ DO IGUAÇU

2025

EDUARDO FELIPE SILVEIRA

CAUSA E EFEITO E CERTEZA

O PAPEL DA IMAGINAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DAS CONVICÇÕES EM HUME

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Doutor Tito Alencar Flores

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. (Doutor) (Tito Alencar Flores)
UNILA

Prof. (Titulação) (Nome do Professor)
(Sigla da Instituição)

Prof. (Titulação) (Nome do Professor)
(Sigla da Instituição)

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a meus dois cachorros salsichas, Daciolo e Damares (sim, os nomes são uma chacota da loucura dos nossos tempos) que estavam sempre descansando próximo a mim enquanto eu pesquisava e escrevia. Ainda que suas vidas não sejam longas como as nossas, esse trabalho é uma lembrança da passagem deles na minha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço uma série de causalidades que possibilitaram esse trabalho de conclusão de curso. Entre estes acontecimentos, está o meu orientador Tito Alencar Flores, pelas conversas e insights ao longo delas, tanto em sala de aula como fora dela e que possibilitaram o aperfeiçoamento da pesquisa. Também aos demais professores, que ao longo do curso de graduação de filosofia, me auxiliaram a encontrar em mim o tema que gostaria de abordar.

Quero agradecer a instituição Unila como um todo também, que possibilitou eu realizar uma segunda graduação que já pressentia que havia um interesse desde a primeira. Também agradeço aos colegas e amigos que encontrei no curso, tanto aqueles que encontrei depois da pandemia quanto aqueles que desistiram do curso durante ou antes da pandemia.

Um último agradecimento também às pessoas que possibilitaram e ainda possibilitam boas conversas, amigos como Gabriel do curso de história e Francielle que se formou em psicologia. Tanto a minha mãe Leonice, pelo exemplo de como a vida deve ser enfrentada com inteligência e coragem, como minha madrasta, Célia que consegue ter uma boa linha de diálogo.

Enfim, são tantas outras causas importantes que seriam impossíveis citar todas. Mas obrigado pelos pequenos e cruciais eventos que impactaram na construção deste trabalho.

“O coração do homem foi feito
para reconciliar as contradições
mais evidentes”

(David Hume, *Ensaaios políticos,
morais e literários*)

RESUMO

Causa e efeito são relações sutis e que ao mesmo tempo permeiam todo raciocínio. Esta pesquisa busca apresentar nos textos de Hume, que a origem dessa relação é a experiência. Mas uma experiência constante, que transloca a questão da natureza de causa e efeito não mais nos objetos participantes em si, mas na interpretação da mente. O mundo entrega apenas experiências de sentidos, emoções e sentimentos, estas por sua vez são impressas na mente e através da imaginação começam a se agrupar. Porém, a imaginação lida apenas com ideias, não com a experiência em si mesma. Estas ideias carregam as impressões da experiência de forma atenuada. Mas certas impressões são mais fortes, e podem transportar essa força para as ideias. O melhor meio para isso é a causalidade, que permite juntar a ideia de um objeto sendo seguido por outro e generalizar para todos os casos semelhantes e para todos os processos que ocorreram no passado e que irão ocorrer no futuro. Para assim se constituir, a causalidade depende do hábito, onde a repetição reforça tanto a ideia de causa e efeito, que ela se torna uma convicção. As próprias convicções, assim, viram impressões secundárias e novas ideias surgem delas, resultando em uma reação em cadeia que criam sistemas inteiros de convicções, que delineiam visões de mundo individuais assim como coletivos de uma cultura.

PALAVRAS-CHAVE: causalidade; crença; hábito; imaginação; empirismo; Hume

ABSTRACT AND KEY-WORDS

Cause and effect are subtle relations that at the same time penetrate all reasoning. This research seeks to show in Hume's texts, that the origin of this relation is to be found in experience. Although in a constant experience, that displaces the question of the nature of cause and effects in the objects themselves, however it places in the mind's interpretation. The world delivers only sensory, emotional and feelings experiences, which are printed on the mind and with the work of imagination, they cluster. However, the input of imagination is only in the form of ideas, not with experience itself. Those ideas carry experience impressions somewhat bleak. Nevertheless some impressions are stronger than others, and they could charge this force through other ideas. The optimal way of this happening is thought causality, that allows attaching the idea of an object being followed by another one and spreading it to all other similar instances and even for those that took place in the past and will happen in the future. Therefore, causality depends on habit, as the repetition reinforces the point that it turns into a belief. Those beliefs on themselves turn by their time into secondary impressions and new ideas come from them, forming a chain reaction originating whole belief systems. Those constitute personal worldviews as well as group beliefs that are so called culture.

Keywords: causality; belief; habit; imagination; empiricism; Hume

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
I - A ORIGEM DAS IDEIAS	13
II - IMAGINAÇÃO E ASSOCIAÇÃO DE IDEIAS	17
III - CAUSALIDADE E CONVICÇÃO	23
IV - A MENTE ESPARRAMADA - A PROJEÇÃO DA NECESSIDADE	29
V - CONCATENAÇÕES DE CONVICÇÕES	34
VI - A CERTEZA E A CULTURA	37
VII - CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

Hume descreve que a imaginação pode ser interpretada de duas formas: uma forma exclusiva, no qual não existem regras para formar as imagens e pensamentos, e outra forma inclusiva, no qual a razão faz parte. Nesta forma inclusiva, existem funções básicas que permitem associações de ideias de três formas diferentes: a semelhança, a continuidade e a mais proeminente que é a causalidade. Desta forma, a associação de causalidade não só liga impressões a ideias, mas também ideias a outras ideias, por meio da imaginação. Estas ligações são tão fortes que originam a ideia de necessidade, e podem conferir ao longo de sua cadeia causal a força da impressão que foi gerada, e assim transmitir uma força ou vivacidade entre elas, tornando-as convicções. Esta transmissão de força e vivacidade de uma impressão para uma ideia, seria uma outra função básica que a imaginação pode exercer. As impressões podem ser os sentidos que recebemos do ambiente através da visão, tato, paladar, olfato, audição, mas também as sensações de prazer ou dor, ou emoções como amor e ódio. Hume diz que as impressões geram as ideias, que são versões atenuadas das impressões. Estas ideias, entretanto, podem, devido a sua ligação causal, transmitir as impressões adiante na forma de convicções e estas por sua vez serem geradoras de novas impressões, que formam novas convicções ou reforçam as mesmas. Pode-se assim estabelecer uma retroalimentação entre as impressões e as ideias na construção da convicção, tendo como pedra de toque a relação da causalidade.

A relação entre impressão e ideia, e sua definição exata, é o melhor ponto de partida para iniciar a discussão. Logo, deve-se abordar o conceito de causalidade e sua enorme importância na filosofia humeana. Como característica principal da imaginação, a causalidade permite retornar à memória as impressões do passado e extrapolá-las para o futuro, servindo como uma ponte entre impressões e ideias. Assim, a causalidade possui uma função central para praticamente todas as atividades humanas, desde as mais cotidianas, até as mais elaboradas como as culturais, sociais e científicas. Com estes dois passos, tanto o que significa impressões e ideias assim como o que representa a ligação causal na filosofia humeana, pode-se observar como a imaginação não apenas faz essa

associação, mas como transmite parte da impressão para ideia, dando uma vivacidade e força para esta. É nessa transmissão que surge a convicção, uma ideia mais forte e que possui um papel mais importante. Assim, a convicção e seu surgimento está intimamente atrelada à expectativa que a causalidade produz. Para ela produzir isso é necessário se alimentar das impressões do passado (ou seja, as experiências) e depois de processadas, impulsionar elas para o futuro. Esta expectativa é interpretada por alguns como uma projeção, onde é a tendência da mente a se espalhar para os objetos do mundo como se estes fossem impregnados das impressões que se encontram na mente. Não só na teoria do conhecimento este conceito é utilizado, mas também na ética e na estética para explicar os julgamentos a respeito da beleza e do modo de agir. Desta forma, convicções podem iniciar um novo ponto de partida, gerando impressões que retornarão ao ponto inicial de associação e transmissão de força e vivacidade para ideias, continuando as relações causais, aumentando cada vez mais sua sequência. Assim, existiria uma retroalimentação contínua entre impressões e ideias, mediadas pela imaginação e com a causalidade como seu agente fundamental.

O objetivo desta pesquisa é entender como a causalidade trabalha na imaginação, ligando impressões e ideias de forma alternada uma após a outra, em uma longa sequência, e dando forma ao raciocínio. E como a transmissão destas impressões ao longo da cadeia causal de ideias dá origem à convicção. Esta por sua vez, pode se tornar uma matéria-prima de uma nova cadeia causal entre impressões e ideias, ou seja, a convicção pode ser tanto o fim de um processo de raciocínio quanto o seu início em uma próxima cadeia de associações. E deste modo, dependendo destas relações que ocorrem de modo particular em cada indivíduo, tentar explicar os diferentes modos de pensar e acreditar que existem nos seres humanos, assim como a mudança ou reforço das convicções que fazem parte do raciocínio humano. De modo mais geral, tal dinâmica pode auxiliar a entender as regras gerais que fazem os diversos tipos de diferenças culturais, cada um com suas pressuposições lógicas, éticas e estéticas existirem, e como alguns elementos destas visões de mundo podem entrar em acordo, se misturarem ou se tornarem incompatíveis entre seus sistemas.

I - A Origem das Ideias

A experiência é para Hume o início do nosso conhecimento. É através dela que temos acesso ao mundo, e esse acesso é o que chamamos de conhecimento¹. Aqui talvez se encontre uma importante característica da filosofia humeana: não se fala a respeito do mundo em si, é até mesmo ilógico dentro desse sistema de dizer a respeito disso. Tal mundo só pode ser conhecido através da experiência e dos efeitos que ela causa na mente humana. Assim, apenas estes efeitos e suas relações dentro da mente que conseguem ser analisados, nunca um mundo desprovido de experiência, ou seja, objetivo, poderia ser entendido em si mesmo.. Entender o mundo é entender a representação deste mundo na mente, que começa pela experiência. Tudo que se encontra na mente, assim, tem seu início na experiência.

Os efeitos da experiência ocorrem primeiramente na imaginação, através das impressões. Estas são imagens vivas, fortes, frescas das experiências, que contém sensações dos sentidos, emoções e paixões. Hume não procura explicar de que modo essas sensações surgem, apenas que o seu surgimento faz com que uma das funções da imaginação seria colocar certa impressão do mundo na mente. Porém, as experiências se sucedem uma após a outra e com isso, impressões diferentes se formam a cada instante. Conforme uma série de impressões dá lugar a outras séries, as impressões que se tornam fracas na mente, sendo resgatadas pela memória, começam a se transformar em ideias. É por causa de um mecanismo de cópia que sensações, emoções e paixões são impregnadas nas ideias, mas de uma forma mais atenuada. É nesse princípio de cópia que Hume diz que ideias e impressões têm o mesmo conteúdo, porém a força da impressão tende a desvanecer com a passagem para a ideia. Devido aos estímulos não estarem mais presentes, quando a experiência de certa situação cessa, as ideias assim se tornam cópias sem o mesmo estímulo alimentado pela experiência. Assim

1 c.f. Hume, D. (1740). *A Treatise of Human Nature* (L.A. Selby-Bigge ed.); Hume, D. (2007). *An Enquiry Concerning Human Understanding* (P. Millican, Ed.).

ter a experiência de ver, de ter medo ou de gostar de algo é diferente de pensar sobre a visão, o medo e o gosto que se tem por algo.

Importante notar, que neste primeiro passo, estamos falando de impressões simples que geram ideias simples. Conforme várias destas impressões simples se somam em referência a uma única situação, originam no seu caminho ideias complexas que são feitas deste conjunto, entretanto tal assunto será esclarecido mais adiante. Tanto impressões quanto ideias tem uma correspondência, onde um não pode existir sem o outro; basta tentar imaginar alguma ideia que seja alheia de qualquer impressão e a imaginação simplesmente não consegue ir além das barreiras que experimentou. Qualquer coisa além da experiência do sujeito não tem qualquer significado, o que também leva à conclusão de que a experiência e logo a impressão tem precedência em relação às ideias. Seria impossível transmitir a ideia antes para alguém, quando esta pessoa não tem a impressão que a antecede, a exemplo de transmitir a ideia de cores para cegos congênitos (que nasceram com a condição) ou mesmo uma palavra em outro idioma para quem não o conhece (e assim não teve a impressão da palavra com o objeto que ela representa).

A ideia inicial de Hume é utilizar um processo que vai das ideias que temos, e buscar as correspondências destas nas impressões. Tais impressões seriam a marca da gênese da ideia, tanto no senso comum quanto em filosofia ou ciência. Hume procurava aqui enfrentar dois tipos de adversários que tinham uma visão muito semelhante a respeito do conhecimento, os tomistas aristotélicos que seriam da tradição escolástica muito ligadas a Igreja e os racionalistas que seriam da linhagem cartesiana, uma linha que começava a se desligar do pensamento religioso. Ainda que em diversos aspectos eles contrastavam em suas visões, uma se mantinha como paradigma durante o tempo de Hume, que era a visão do homem como imagem de Deus. Este tipo de visão retratava o homem como uma versão imperfeita de Deus, mas com a capacidade de utilizar a razão para alcançar as verdades eternas que eram acessadas diretamente por Ele. Assim, os homens poderiam ter sobre o mundo recorrendo apenas às ideias, que já eram a matéria prima do próprio mundo. Conforme a reflexão e raciocínio sobre estas ideias,

conseguiriam alcançar as verdades que já existiam e aguardavam serem apenas descobertas. Ou seja, era apenas uma questão de abrir um conhecimento que já estava inerentemente no ser humano, apenas não ativado. De uma forma dedutiva, as pessoas que ponderavam sobre eles poderiam acessar esse conhecimento interno, que era tão exato quanto a matemática. Não à toa que muito da filosofia durante essa época da modernidade que a matemática foi utilizada como base, por causa dessa associação com o conhecimento mais puro que existe.

Entretanto, em Hume, a matemática e outras ciências próximas não discorriam a respeito do mundo. O conhecimento que ela carrega é dedutivo, ou seja, isso quer dizer que é certo. Porém, o mundo sempre está em mudança. Não haveria correspondência de um conhecimento certo para um mundo que tudo é contingência (por exemplo, onde pode chover ou não no dia seguinte). Assim, tanto uma situação quanto o seu contrário, tem validade se ainda não ocorreram. Em um conhecimento dedutivo, não existe espaço para esta dubiedade, as coisas são ou não são. Deste modo, é necessário ter experiência para se ter conhecimento, a dedução não serviria para o mundo, apenas para a área da matemática. É a probabilidade do conhecimento que vai ser e desse tipo de saber que faz Hume dar o nome de conhecimento provável. Diferente do dedutivo, o provável não possui as verdade já contidas nas premissas, o que irá ocorrer não depende do que se analisa em determinado momento. Mas apenas a experiência do que ocorre que auxilia o conhecimento provável.

Se na ideia racionalista e dos escolásticos a razão estava como um passo mais perto do divino e do transcendental, onde a verdade do mundo seria desvelada, em Hume esse projeto encontra o seu oposto. A natureza da ideia se dá antes frente a experiências do mundo, não de algo além dele. E estas experiências são sentidas por sujeitos e não estão em um mundo despersonalizado. Além disso, as experiências são rápidas e em si mesmo contaminadas com emoções e paixões, ou seja, a razão não seria algo puro, mas misturada com as impressões que o mundo alimenta. Toda impressão assim não é pura, e todos os seus elementos são copiados para ideias. As ideias complexas assim são formadas como um jogo de quebra-cabeças de vários elementos, cada um se encaixando com o outro sem o

controle humano, tirando de uma certa forma parte da agência da vida mental do indivíduo. Porém, o conjunto de ideias que se forma conforme as impressões se sucedem e perdem sua força e vitalidade, não forma um conjunto amorfo e sem sentido. Se fosse assim, o pensamento seria solto e perdido. Entretanto, estas ideias começam a se conectar umas as outras, por certas regras especiais que formam conjuntos organizados. Ainda que não tenha a agência humana nisto, existe uma pré-disposição para que associações de ideias se estabeleçam e façam o pensamento assumir uma forma inicial

II - Imaginação e a Associação de Ideias

As ideias formadas na mente, vindas das impressões da experiência, não são dispostas de formas aleatórias umas em relação às outras. Em sua tentativa de entender o mundo, é necessário uma capacidade de organização destas ideias, onde certas ideias tendem a se aglutinar mais com outras. Essa capacidade é chamada de imaginação. Sem a imaginação para amarrar algumas ideias com outras, não haveria sentido, e apenas uma sucessão de impressões soltas e aleatórias, não formulando nenhum entendimento para o que ocorre no mundo. Os acontecimentos seriam percebidos sempre como uma surpresa, não conseguindo extrair significado das impressões. Ou seja, sem a imaginação, não existiria um modo de juntar as ideias e dar alguma lógica ao conjunto.

Esse sentido ao conjunto do mundo é a razão. Ou seja, em Hume, a razão é originada da associação de ideias que a imaginação promove. Ela assim o faz por causa que junta as impressões e ideias mais parecidas, onde uma certa força de atração de uma traciona a outra. Entretanto, outro aspecto da imaginação é mais livre, e tem a capacidade de associar ideias que não atraem necessariamente uma à outra; esta outra parte é onde a imaginação promove as ficções. Ainda que Hume faça essa separação dos dois tipos de imaginação, mais adiante em suas argumentações estes dois tipos se misturam, tornando difícil traçar uma linha de separação entre um tipo e outro de imaginação. Ideias da razão e da ficção são relatadas muitas vezes possuindo pontos de contato entre si, onde não consegue-se determinar o fim de um e o início de outro.

Devido a junção de impressões complexas que se aglutinaram de impressões simples, e que depois se convertem em ideias complexas, a imaginação assim trabalha com a matéria prima de diversas fontes, sejam elas percepções, mas também com as emoções e paixões que também estavam disponíveis. Tudo isso segue um tipo de ligação umas com as outras estabelecido pela imaginação, algumas com mais afinidade e outras com menos. Este tipo de ligação é uma das

mais amplas capacidades da imaginação, que é o poder de associação de ideias.

Mas para isso ocorrer, é necessário entender que a imaginação possui algumas tendências e regras de associação, no qual Hume coloca três: a associação por meio da semelhança (objetos parecidos que lembram outros objetos são dispostos com mais proximidade na mente, assim como ideias são cópias de impressões e também como um retrato lembra alguém real), a associação por meio da contiguidade (a disponibilidade de um objeto ao lado do outro, como um objeto como uma casa pode puxar a mente, caso se pense em uma cidade, a puxar outra casa ao lado, e outra, e assim por diante) e por último, a associação por meio da causalidade (um objeto produzindo outro, onde um é a causa e outro o efeito).

Certo número de ideias podem ter uma origem comum em uma única impressão. Isso pode fazer com que com o tempo, a frequência de que surge uma ideia e também surge outra, faça com que a semelhança da origem em comum reforce uma a outra. Logo, quando uma surge na mente, a outra também surge, não necessitando mais da impressão que a geraria. Ambas criam uma sinergia, que amplifica sua associação devido a serem alimentadas por uma mesma impressão. Além disso, as ideias tendem a criar um tipo de força, onde certas ideias teriam uma força maior de atração do que outras. Estas forças são maiores se tais ideias são mais próximas no tempo e no espaço, dado o seu grau de importância, ou seja, quando pensamos em algo, tendemos a pensar em outras coisas que estão presentes naquele momento e ao redor do lugar da ideia imaginada. Assim, à ideia de um rei tende a se associar a ideias maiores como de um reino, mas não a coisas mundanas como a de um cavalo que também se encontra no seu reino. Entretanto, ideias como de um cavalo tendem a invocar a ideia de algum cavaleiro, que talvez seria o dono deste animal. Apenas algumas ideias têm a capacidade de ambas terem importância igual na imaginação, e assim estarem em um equilíbrio perfeito.

O papel exercido pela imaginação é ancestral, e suas capacidades de misturar elementos tanto de forma livre como organizada foi resultado de uma mudança das estruturas mentais ao longo da evolução humana:

A imaginação é proficiente em associação de imagens, mas também é extremamente apta em associações de mídia misturadas. Pensar e comunicar com imagens requer acesso a representações internas, mas o artista esta embaralhando estas imagens em combinações inesperadas e artificiais. Nossas próprias habilidades cognitivas de associação livre se tornam trançadas com aspectos mais sofisticados da cognição, tais como função executiva e a habilidade para misturar e violar categorias taxonômicas - hibridizando imagens. Quando imaginamos, misturamos imagens e proposições, memórias e experiências em tempo real, sons, histórias e sentimentos. É um processador multimídia que pula lateralmente através de conotações, ao invés de seguir uma estrita lógica inferencial. Muito disso é inconsciente, por isso o motivo da analogia com a musa é tão poderoso, mas essa fase é seguida por uma fase de reentrada, onde as associações livres ou fluxo de consciência são puxados novamente sobre controle executivo, e integrados nos projetos mais focados do agente ou do artista. (WEYERSBERG, M, ASMA, S.T., HAINS, B. , 2017) (TRADUÇÃO NOSSA)²

Desta forma, pode-se notar certas características no processo de associação que Weyersberg et. al. descrevem, o qual possui paralelo ao que Hume relata em seus escritos; a associação de forma automática e instantânea, a mistura de elementos das impressões.

Ainda falta definir, como certas ideias possuem maior poder de atração e outras possuem tão pouco e são elas as atraídas. Os graus de importância e os modos de como uma ideia é mais acentuada ou não, são determinados por sua força e vivacidade. De modo básico, pode-se dizer que todas as impressões possuem muita força e vivacidade e que elas transmitem para as ideias por meio do princípio da cópia. Ou seja, uma ideia copia para si a força e a vivacidade que uma impressão lhe deu. Porém, a cópia sempre será mais tênue que a impressão original. Assim, ainda que a ideia seja tênue nessa cópia da impressão,

2 The imagination is proficient at image associations, but it's also extremely adept at mixed-media associations. Thinking and communicating with images requires access to inner representations, but the artist is shuffling these images into unnatural and unexpected combinations. Our very ancient cognitive abilities to free-associate become interwoven with more sophisticated aspects of cognition, such as executive function and the ability to mix or violate taxonomic categories - hybridizing images. When we imagine, we blend pictures and propositions, memories and real-time experiences, sounds, stories and feelings. It is a multimedia processor that jumps laterally through connotations, rather than downward through logical inference. Much of this is unconscious, which is why the muse simile is so powerful, but this phase is followed by a reentry phase, where the free associations or stream of consciousness are brought back under executive control, and integrated into the more focused projects of the agent or artist.

impressões mais fortes terão cópias em ideias mais fortes, e impressões fracas irão gerar ideias muito fracas. A transmissão da força e vivacidade, ou seja, do grau de intensidade de uma impressão para uma ideia é o que garante maior ou menor atração dela na mente. Esta transmissão quanto mais forte for, mais forte e viva torna uma ideia, a ponto de que se torna não uma mera conjectura da imaginação, mas sim ganha o status de convicção.

Ao longo dos trabalhos de Hume, ele muda de rumo algumas vezes ao definir a convicção, porém em vários pontos seus comentadores convergem de que uma convicção é apenas uma ideia com grau de força e vivacidade maior que outras ideias. É curioso que a característica das convicções é que possuem tanta força e vivacidade, representam cópias tão fortes de impressões, que se confundem com as próprias impressões. Dificilmente se observa que são ideias, que são cópias de impressões e não elas mesmas. Em uma analogia muito parecida com a obra de arte falsificada a um nível tão profissional, que fica indistinguível do objeto original. Por esses motivos, as convicções se apresentam de forma tão firmes e estáveis. E a origem de sua formulação está nos três princípios de associações que foram citados anteriormente, entretanto o maior responsável por essa transmissão seja a associação por meio da causalidade.

O conhecimento do mundo é provável porque de acordo com Hume, não existe nada em si no mundo, que permita o conhecimento a priori. Ou seja, não importa o número de dados coletados anteriormente ao acontecimento, para ter conhecimento do que ocorrerá. A única forma de prever seria com o auxílio da experiência, ou seja, do conhecimento de ocorrências passadas que lembrariam uma situação semelhante e poderia assim, ser induzida. Entretanto, este tipo de conhecimento não representa uma certeza, mas uma probabilidade, visto que a situação por mais semelhante que se apresente a(s) experiência(s) anteriores, não são as próprias experiências anteriores. Diferente do que ocorre no raciocínio demonstrativo, o raciocínio provável não possui nas suas premissas nenhum conhecimento já contido nelas. Nada é a priori quando se observa as ocorrências do mundo. O único método para então se guiar em um mundo de constante mudança, ainda que não seja de fato um conhecimento, seria a associação das ideias,

principalmente as de causalidade.

Entretanto, é necessário descobrir de qual forma se pode ir de um conhecimento atual da situação, para um conhecimento de estado futuro, ou seja, como conseguimos saber que algo irá resultar em outra coisa ainda não presente. E a resposta de Hume é que apenas a causalidade consegue fazer esse papel, se baseando na experiência passada³. Assim, é na causalidade que se encontra a ligação entre presente, passado e futuro. A previsibilidade dos fenômenos representa um tipo de “chute”, mas de forma automática e irresistível, devido ao raciocínio se formar quase instantaneamente. Mas essa ideia do que ocorrerá no futuro não é apenas uma especulação, uma ideia da imaginação que a mente entretém e finge ser verdadeira. A causalidade é o fio condutor que transmite força e vivacidade das impressões para as ideias e de outras ideias para as próximas. É essa transmissão que as imagens que surgem na mente do que irá acontecer tornam-as fortes, e se tornam convicções

Existem duas formas para o raciocínio provável se construir, porém que pode levar um pouco a confusão nas traduções visto que no português se utiliza uma mesma palavra para o termo que é reflexão. Uma reflexão em nosso idioma pode ser automática, como um reflexo para agarrar algo muito rápido ou em situações que necessitam de agilidade. Mas também uma reflexão pode significar uma atividade mental mais demorada, onde os pensamentos levam um tempo para se organizarem e chegarem a uma conclusão. Hume trabalha esses dois sentidos para dizer que a forma que a imaginação constroi o raciocínio provável é de forma automática e rápida, onde não se pode ter consciência da formação desse pensamento, e também de forma lenta e com ponderação das ideias. Ainda assim, o autor diz que todos os pensamentos, mesmos aqueles mais complexos e elaborados de forma reflexiva demorada, dependem das formas mais rápidas e são por eles construídos. É como, de certa forma, as estruturas básicas da imaginação que são a associação de ideias e a transmissão da força e da vivacidade não

3 c.f. Hume, D. (1740). *A Treatise of Human Nature* (L.A. Selby-Bigge ed., Parte II, seção VI (Da inferência da impressão para a ideia)

pudessem ser controladas e se formassem a revelia do sujeito.

Essa construção do pensamento mais básico para o mais sofisticado é o que permite todas as atividades humanas, desde as mais comuns do cotidiano até mesmo a investigação científica. Engloba tanto a nossa racionalidade sobre o mundo como as motivações que fazem os seres humanos tomarem as decisões. Entretanto, para se chegar mais a fundo na questão, se faz obrigatório estudar o mecanismo principal, o coração do processo imaginativo que integra passado, presente e futuro, que é a própria noção de causa e efeito: a causalidade.

III - Causalidade e Convicção

A principal ferramenta da imaginação na construção da convicção se encontra na causalidade. É esta a noção, entre as três que permitem às associações de ideias, que se apresenta como o principal motor do raciocínio provável, que diz a respeito dos problemas de fatos. O mundo é feito de fatos, porém não existe nenhuma dedução a priori que resulta destes fatos, sendo eles contingentes e não necessários. Algo ocorre de uma forma, mas nenhuma regra a priori diz que ele deveria ocorrer desta forma, e na realidade, ele poderia ocorrer de diversas maneiras diferentes. É desta forma que os estados em que se encontram as coisas poderiam ter ocorrido de forma diferente, e conforme o presente se transforma em passado, o futuro destes estados está aberto para muitas possibilidades, é assim que a afirmação sobre o que as coisas são assim como a negação delas, são possíveis ou prováveis. É a causalidade que permite uma direção em meio a muitas possibilidades, encaixando os fatos um em relação ao outro. Ainda que esse encaixe também não seja a priori, a ordem deles pode ser realizável de diversas formas, ora um fato servindo de causa para o raciocínio, ora podendo se servir como efeito. Hume tenta investigar não sobre quais fatos ocupariam tais categorias de causa e efeito, mas as noções que possuímos de causa e efeito, e de qual forma elas surgem nos seres humanos.

Assim, ele parte da ideia de causalidade mais proeminente de sua época, com base tomista-aristotélica e também as novas noções cartesianas, assim como algumas outras e de suas próprias reflexões. Deve-se buscar de acordo com o seu próprio esquema a cópia da ideia que temos de causalidade em uma impressão igual. Visto que toda ideia é cópia de uma impressão, a ideia de causa também deveria residir em uma impressão percebida pelos sentidos ou surgida das emoções e paixões. O primeiro passo seria então observar um evento em que a ideia de causa e efeito aparecem, como no exemplo clássico da própria bola de bilhar: ao ver uma bola se movendo em direção a uma bola parada, a força da bola em movimento faz a outra bola se movimentar, e isso chamamos a primeira bola de causa do movimento da segunda bola, que seria o efeito. Até esse momento uma

descrição banal do que entendemos como causalidade.

Entretanto, ao buscar de outra forma algum entendimento desse evento causal, não se consegue extrair nenhuma impressão a não ser das características das bolas (velocidade, tamanho, cor). As impressões dos próprios objetos terminam em si mesmas, dizem a respeito dos próprios objetos e não pode-se tirar nenhuma outra impressão adicional destas características. E mesmo no caso de se buscar no íntimo, que é a nossa vontade sobre as ações do corpo e mesmo sobre o que se imagina, não se descobre ali a impressão que leva um evento dar início ao próximo. Bell (apud Norton 2009, p.158, 159) relata por exemplo, que Hume diz que a vontade consegue movimentar um braço, mas não entender esse movimento. Se entendesse, saberia exatamente explicar como a mente consegue fazer o braço se movimentar, mas essa explicação não é possível. Além disso, se explicaria também o motivo de alguns órgãos do corpo se movimentar com a vontade exercida e não outros. E finalmente, se explicaria toda a cadeia causal que faz a vontade movimentar os nervos, e depois os músculos e todas os pequenos componentes que em seu conjunto fazem o braço se mover de forma total, mas essa explicação não é possível.

Incluso na mente, Bell relata argumentos similares que Hume diz a respeito do controle da vontade sobre a imaginação. Se houvesse o conhecimento dessa relação causal, poderia-se explicar como certas ideias surgem, de qual forma algumas ideias aparecem sobre o nosso controle enquanto outras são versões selvagens que se movimentam a revelia da vontade, e se explicaria como certas condições como a doença e a saúde influenciam nesse controle. É importante notar nestes argumentos, como Hume define um paralelo da vontade do corpo e da mente, de forma que ambos influenciam um ao outro e não se constituem sistemas distintos e separados. E mesmo como o controle e compreensão exata destas atividades, apresentadas aqui de forma naturalizada, afastam o ser humano da compreensão perfeita de como estes processos ocorrem.

Fora das impressões dos próprios objetos em si, algumas características próprias dos eventos podem ser observadas. Hume define três delas:

uma é a contiguidade, onde os objetos estão próximos uns aos outros⁴, a outra é a sucessão, onde um evento ocorre anterior ao outro, sendo o efeito sempre posterior a causa, e por fim, uma conjunção contínua, a característica mais importante que mostra duas das definições de causa de Hume:

Podemos definir uma causa sendo 'um objeto precedente e contíguo a outro, e onde todos os objetos que lembram o anterior são colocados em relações semelhantes de precedência e contiguidade destes objetos, que lembram o último'. Se esta definição parece defeituosa, devido a ser retirada de objetos alheios a causa, podemos substituir esta outra definição no seu lugar, 'uma causa é um objeto precedente e contíguo um ao outro, e tão unida a este, que a ideia de um determina a mente a formar a ideia do outro, e a impressão de um forma uma ideia mais viva do outro. (Hume, D. (1740). *A Treatise of Human Nature* (L.A. Selby-Bigge ed.). I, 3, 14 p. 170) (TRADUÇÃO NOSSA)⁵

Assim, causa e efeito necessitam destas 3 características em conjunto para ser assim definida, caso uma delas falhe em ser observada, o evento pode ser definido mesmo como uma coincidência, ou como apenas dois eventos simultâneos ocorrendo sem uma ligação entre eles. A conjunção constante chama especial atenção, pois revela que para sua formação se utiliza a faculdade da memória, onde os resultados anteriores são lembrados como similares uns dos outros. Essa característica seria a pré-concepção que Hume irá desenvolver mais tarde sobre a necessidade, mas que entretanto, nesse contexto de investigação ainda não está pronto para ser abordado.

Como se trata também de uma situação do raciocínio provável, outras conclusões são possíveis, ou seja, poderíamos separar causa e efeito e isso

4 Nas Investigações sobre o Entendimento Humano, Hume omite a contiguidade, pois o trabalho de Newton sobre a gravitação influenciou o pensamento da época que ações a distância eram possíveis,, ainda que não existia o entendimento do que isso seria.

5 We may define a cause to be 'An object precedent and contiguous to another, and where all the objects resembling the former are plac'd in like relations of precedency and contiguity to those objects, that resemble the later'. If this definition be esteem'd defective, because drawn from objects foreign to the cause, we may substitute this other definition in it's place, viz. 'A cause is an object precedent and contiguous to another, and so united with it, that the idea of the one determines the mind to form the idea of the other, and the impression of the one to form a more lively idea of the other'.

não seria contraditório de nenhuma forma (visto que a conclusão não se encontra nas premissas da mesma forma como no raciocínio demonstrativo). Por exemplo, poderia acontecer de uma bola se movimentar em direção a outra e esta mesma bola parar e não fazer a outra se movimentar (a exemplo de ser uma bola muito mais densa, mas com o mesmo volume da bola de bilhar), ou a bola se movimentar e passar diretamente pela outra sem causar um movimento (no caso de ser um holograma, ainda que este não tenha sido um exemplo por razões óbvias na época de Hume).

Além do mais, caso esse evento nunca tivesse ocorrido, e as bolas de bilhar fossem objetos novos para nossa percepção, nada se mostraria como forças de causa e efeito umas das outras. Não existiria nenhum poder ou força interna ao próprio objeto que demonstraria antes da experiência da colisão que existe uma relação de causa e efeito entre elas. A noção na qual os racionalistas e escolásticos tomistas possuíam de se encontrar um tipo de substância ou essência, que poderia garantir uma previsibilidade apenas ao inspecionar o objeto sem nunca ter antes possuído qualquer experiência, é uma impossibilidade. Assim, a doutrina da Imagem de Deus, no qual as ideias já se encontram prontas no mundo vindas diretamente de Deus, e o homem com a sua razão teria acesso direto a esse mundo e descobriria as propriedades e relações dos objetos em si mesmos, e também o que ocorreria, tudo isso anterior a qualquer experiência, seria inviável. As noções a priori são possíveis apenas em objetos matemáticos, mas não nos objetos do mundo, os problemas de fato.

Desta forma, a causalidade não advém de uma impressão das coisas em si, mas de uma relação entre os objetos. Ao observar pela primeira vez uma bola de bilhar se movimentar e encostar na outra e a outra se movimentar, ainda seria muito improvável com essa única experiência perceber uma bola como causa e a outra como efeito. Visto que em um uma única experiência, em sua singularidade, não há formas para comparação. Entretanto, ao observar este evento repetidas vezes, todas com o mesmo padrão, a mente é levada de forma automática a fazer uma comparação de relação entre os elementos, e surgir nela uma sensação de causa na primeira bola e efeito na segunda bola. Desta forma, a

causalidade como ideia teria sua cópia da impressão de vários eventos com o mesmo padrão, onde várias experiências em comum contribuíram para construir a impressão de causa e efeito. Impressão essa tão forte e irresistível, realizada de forma automática pela mente, que se torna difícil a sua negação.

A repetição da experiência com as mesmas impressões dos objetos, leva a mente a antecipar o resultado, momento em que se constitui o hábito. Tal hábito é a propensão de acreditar que as coisas do passado se repetirão como o futuro, ou mesmo que as coisas semelhantes terão resultados semelhantes. Em suma, é a pretensão da mente de assumir uma padronização nas ocorrências da natureza, ligar as relações de causas e efeitos em grupos semelhantes. Assim, já ao imaginar uma bola de bilhar se movimentando em direção a outra parada, é imaginado que o efeito será a movimentação da bola parada, causada pela bola em movimento. Essa extrapolação do presente, é o que faz da causalidade uma ponte de ligação de passado e futuro, pois é sempre com base nas experiências passadas que constituem um hábito, que se constroi uma previsão.

E devido a causalidade e sua constituição em hábito, ser uma das ferramentas mais fortes da imaginação, a própria ideia é levada a ter uma impressão muito forte de força e vivacidade, o que a torna uma convicção. Desta forma, ao observarmos eventos como o da bola de bilhar, somos levados a acreditar que o movimento de uma em direção a outra, faz de fato com que cause o movimento da outra. A tentativa de negar esse resultado, de acreditar em algo diferente de que uma bola de bilhar irá ter outro efeito além de fazer a segunda bola se deslocar, ou seja, se livrar dessa noção de causa e efeito neste evento particular, é muito difícil visto que essa impressão construída por hábito é extremamente forte, a tornando uma convicção.

Ao fazer parte da imaginação, mas com uma força maior, a convicção se separa da especulação imaginativa⁶. Este sentimento que surge e está

⁶ Especulação imaginativa é a parte da imaginação que não necessita de racionalidade ou lógica, quando a mente consegue vagar livre pelos pensamentos e também é o componente dos sonhos. Na especulação imaginativa, uma ideia não possui o peso e a importância que possui na outra parte da imaginação que utiliza a razão, ou seja, não é necessário acreditar na ideia.

além do controle pessoal, não é uma ideia em si, isolada e formada apenas de impressões, mas é algo como um sentimento ou sensação interna que se mistura às ideias. Convicções não possuem força devido a imaginação, sua geração determina que é o hábito que as torna mais fortes, ou seja, a repetição das experiências e a formação de padrões com essas experiências é que reforçam a convicção. Assim, uma ideia é percebida como uma certeza devido a repetição e formulação do hábito enquanto a outra é apenas resultado de fantasia, de uma especulação do tipo “faz de conta”. De forma análoga a associação de ideias, onde existe a transmissão de força e vivacidade entre elas, a convicção também consegue obter da impressão a transmissão de força e vivacidade para ideias.

IV - A Mente Esparramada - A Projeção da Necessidade

Essa transmissão de força e vivacidade entre as impressões para as ideias possui tanta força que a mente interpreta isso como uma noção de necessidade. A necessidade que em filosofia se tornou mesmo um objeto da lógica, porém como estamos discorrendo a respeito de um tipo de raciocínio provável e não demonstrativo, o próprio conceito de Hume que divide o pensamento em dois deixa de lado essa noção de necessidade lógica. Entretanto, a necessidade que existe no raciocínio provável, ou seja, que sentimos durante as experiências com o mundo, está estritamente ligada à noção de causalidade. Causas e efeitos só poderiam ser assim definidas se houvesse uma necessidade entre estes dois termos (a causa e o efeito) onde um se seguisse do outro. Porém como foi visto, o hábito que molda a convicção das relações causais não deixa espaço para uma noção de necessidade fora da mente, nos objetos em si do mundo. A necessidade assim se torna fruto do hábito, uma ideia forte e que por ser assim, é definida como uma convicção. É impossível em termos humeanos, encontrar a necessidade no interior dos objetos, pois assim como a causalidade e outros termos que ele faz equiparação (como força, energia, produção) estas propriedades não existem em si mesmas nem dentro dos objetos.

Ainda que Hume de certa forma não negue a existência de ditos poderes (o que ele chama de poderes ocultos, e que não há como ter certeza da sua inexistência), em sua concepção não faz sentido especular sobre eles. Se houvesse provas a respeito de sua existência, seriam muito úteis à vida humana e garantiriam uma base firme e certa ao conhecimento. Mas isso não ocorre, pois não é desta forma que seres humanos constroem o conhecimento. Tais poderes se encontram além das capacidades humanas para entendimento, sendo noções vazias que não possuem bases intrínsecas dos objetos. Como o ser humano só pode conhecer através das experiências, ou seja, apenas de forma a posteriori, qualquer conhecimento inato ou a priori seria uma conjectura além do que se observa. Isso seria de certa forma um tipo de delírio de uma parte da imaginação que não utilizaria a razão, fruto de uma conjectura solta da memória e dos sentidos.

Nas obras de Hume, duas visões surgem sobre a necessidade⁷. Enquanto na primeira obra, *o tratado da natureza humana*, diz que a necessidade é uma característica que surge na mente conforme a experiência de conjunção constante é observada:

Necessidade então, é o efeito dessa observação e nada mais que uma impressão interna da mente, ou uma determinação de levar nossos pensamentos de um objeto até outro. Sem considerar isso nesta visão, nunca poderemos chegar a noção mais distante disso, ou ser capaz de atribuir isso para objetos externos e internos, para espírito e corpo, para causas e efeitos. (Hume, D., 1740, *A Treatise of Human Nature*, Livro I, pg. 165) (TRADUÇÃO NOSSA)⁸

Na *Investigação do entendimento humano* essa parte é omitida, a causalidade seria algo que dependeria apenas de uma quantidade de eventos seguindo um após o outro, estando essa nas coisas do mundo, porém inacessíveis para a mente humana devido a causalidade não ser descoberta a priori

Parece que, essa ideia de conexão necessária entre eventos surge de um número de casos similares, que ocorrem, na conjunção constante destes eventos; nem pode a ideia ser sugerida por apenas qualquer um destes casos isolados, investigados em todas as luzes e posições possíveis. Mas não há nada em um número de casos, diferente de cada caso em particular, que é supostamente exatamente similar; exceto apenas, que após a repetição de casos similares, a mente é carregada pelo hábito, que se um evento surgir, espera-se seu atendente usual, e acreditar, que ele irá existir. (Hume, D., 2007, *An Enquiry Concerning Human Understanding*, cap. VII, p. 54) (TRADUÇÃO NOSSA)⁹

7 Cf. Beebee, H. (2006). *Hume on Causation*. Routledge, p. 93.

8 "Necessity, then, is the effect of this observation, and is nothing but an internal impression of the mind, or a determination to carry our thoughts from one object to another. Without considering it in this view, we can never arrive at the most distant notion of it, or be able to attribute it either to external or internal objects, to spirit or body, to causes or effects."

9 "It appears, then, that this idea of a necessary connexion, among events arises from a number of similar instances, which occur, of the constant conjunction of these events; nor can that idea ever be suggested by any one of these instances, surveyed in all possible lights and positions. But there is nothing in a number of instances, different from every

Estas duas interpretações sobre a necessidade refletem o que foi abordado no parágrafo anterior, sobre a necessidade ter sua abordagem como uma interpretação mental do mundo, ou a abordagem de ter uma realidade independente. Não é consenso se essa mudança de abordagem em Hume foi uma mudança em suas ideias ou se foi uma decisão de simplificação do conteúdo do *Tratado para o do Investigações*.

A percepção de necessidade não apenas é ela própria uma impressão, mas pelo princípio da cópia, pode fazer com que mesmo ideias que existem na mente e não possuam essa impressão, passem a possuir tal impressão de necessidade devido a associação de ideias e a transmissão da força e da causalidade. Assim, é permitido comparar ideias e permitir que tenha possibilidade de associação. Desta forma, Hume distingue a causalidade em 2 categorias distintas, de acordo com a forma que as relações são estabelecidas.; a filosófica que é a comparação de ideias arbitrária da mente, no qual se exige uma certa reflexão, e a natural, no qual é uma associação que tem uma leve força de puxar a mente de uma ideia para a próxima de forma orgânica e não ativa¹⁰.

Dessa forma, Hume tenta explicar não o conteúdo dos pensamentos causais. Isso por si só não iria determinar se um pensamento vai se tornar uma convicção ou não. Nem mesmo apenas a relação de ideias, ou seja, sua vertente filosófica, de forma imediata e simples, consegue por si mesma gerar convicções. Antes é a linha de associação natural através da força que as ideias exercem umas às outras, por meio da repetição na experiência, que surge uma convicção. É por meio da causalidade como relação natural que conseguimos extrapolar e falar da causalidade como relação filosófica, ou seja, apenas devido a possuímos uma tendência a associar que depois, conseguimos imaginar outras possibilidades que

single instance, which is supposed to be exactly similar; except only, that after a repetition of similar instance, the mind is carried by habit, upon the appearance of one event, to expect it's usual attendant, and to believe, that it will exist."

10 Cf. Beebee, H. (2006). *Hume on Causation*. Routledge, p. 101.

poderiam ou não fazer parte da realidade¹¹.

A própria necessidade das relações causais em si, ou é inacessível ou uma construção mental, ainda que se pense estar no mundo, nas coisas em si. O motivo disso acontecer, de acordo com algumas interpretações, é que a mente projeta suas impressões internas no mundo¹². A causa e efeito em conjunção constante e dá origem a uma ideia que é a causalidade, a mente tende a projetar no mundo como se ocorresse no próprio mundo, e não dentro dela como uma associação mental. Assim, a tendência de imaginarmos um efeito ao vermos o que a convicção nos faz crer como causa ou vice versa, faz com que exista a sensação de que estas ligações nos apareçam como necessárias ou que estas operações causais estejam no mundo em si. A mente nada mais faz que joga o que acontece dentro de si para o mundo, ou como diz Hume, a mente teria a tendência de se esparramar perante os objetos do mundo. E é devido a essa tendência, no qual as experiências passadas criam a expectativa do futuro, imprimem toda esta ligação de passado e futuro nas próprias coisas, ainda que o que apenas conseguimos observar seja somente o presente. E por este mesmo motivo, que se generaliza um caso nos outros, a causalidade assim também se alia à semelhança, para julgar que os demais eventos que existam as causas, se seguirão de efeitos e vice-versa. Como diz Bell (apud Norton, D. F., & Taylor, J. (Eds.). (2009) p. 167, 168) a respeito deste tipo de comportamento da mente:

A propensão da mente que ele fala é consequentemente aquela que leva as pessoas a imaginarem que a impressão interna é uma impressão dos sentidos, uma impressão de uma propriedade ou qualidade de um objeto. Por causa que a impressão interna é a origem da ideia de uma conexão necessária entre os objetos, aqueles que manifestam uma propensão erroneamente pensam que eles percebem, e estão tão familiarizados a isso, que “essa energia na causa, que opera no seu efeito; essa ligação que conecta eles juntos; e que essa qualidade eficaz, no qual a ligação depende” É a convicção que a experiência nos familiariza com os poderes causais nos objetos que é “uma ilusão da imaginação.”¹³

11 Cf. Beebee, H. (2006). *Hume on Causation*. Routledge, p. 103, p.105..

12 Cf. Beebee, H. (2006). *Hume on Causation*. Routledge. cap. 6 - projetivismo, pg. 142

13 The propensity of the mind about which he is speaking is, consequently, that which leads people to imagine that the internal impression is in fact a sense impression, an impression of a property or quality of an object. Because the internal impression is the origin of the idea of a necessary connection between objects, those who manifest the propensity mistakenly think that they perceive, and so are acquainted with, “that energy in the cause, by which it operates on its

Outros assuntos abordados por Hume também tendem a utilizar a projeção para explicar como a mente interpreta as impressões do mundo. Em estética, a mente tende a ver a beleza nos objetos em si que causa as impressões, porém ao tentar se observar qual detalhe do objeto em si que o torna belo, não se consegue traçar essa impressão original. E assim, o conjunto de impressões na própria mente e ligados de certa forma é que permitem a apreciação estética, não o objeto em si no mundo. Da mesma forma que na moralidade, qualquer ato virtuoso ou condenável, em si mesmo, não carregaria o valor que apenas a junção na mente torna possível garantir esse peso a atos bons ou maus. Um assassinato então, teria um repúdio não pelo ato em si, mas pelo julgamento que a mente faz, e que projeta sobre o próprio ato. ¹⁴

effect; that tie, which connects them together; and that efficacious quality, on which that tie depends". It is the belief that experience acquaints us with causal powers in objects that is "an illusion of the imagination".

14 Beebee, H. (2006). *Hume on Causation*. p.90

V - Concatenações de Convicções

Enquanto as impressões são copiadas para ideias, e as primeiras são mais fortes que as segundas, algumas impressões surgem das próprias ideias¹⁵. Sua origem vem do modo que ideias podem se associar, e assim produzir impressões chamadas secundárias ou reflexivas. Devido a transmissão de força e vivacidade, as convicções poderiam por elas mesmas gerar impressões secundárias. Visto que estas impressões geradas de forma secundária, podem retornar a formar ideias, a geração de ideias e impressões em tandem permitem uma concatenação que obtém dois tipos de resultados: ou a formação de novas ideias através de uma cadeia longa da interação entre ideias e impressões, ou mesmo o reforço das convicções por meio da geração de impressões que reforçam as mesmas ideias que as geraram.

A transmissão de força e vitalidade, faz com que as convicções sejam transmitidas ao longo de uma sucessão de ideias. A causalidade então, não teria apenas um papel no surgimento da convicção, mas também poderia operar a nível de ideias que surgem de impressões secundárias. O próprio reforço das impressões geradas por ideias, desse modo, formaria o hábito, e isso explicaria o motivo das convicções se manterem firmes. As próprias ideias que geram impressões podem ser tão fortes, que estas mesmas ideias podem não se assemelhar a ideias, e sim passar a terem aparência de impressões. Antes de serem notadas como uma cópia de uma impressão, a mente estaria tão impactada que seria iludida pela convicção de uma ideia.

Assim, algumas ideias teriam como inadmissível o seu contrário ou mesmo em certos casos, algumas poucas impressões que insinuariam as suas falhas. Ao se criar o hábito de uma causa e efeito, quanto mais forte for essa ideia, mais qualquer outra ideia/impressão que apresente um resultado que vai contra o que já se possui de convicção. E quanto maior a convicção, mais difícil será para que ideias/impressões consigam apontar falhas ou problemas nelas.

Além do mais, a complexidade cada vez maior da associação de

15 cf. *A Treatise of Human Nature* (L.A. Selby-Bigge ed.) Livro II, Parte I, Seção I

ideias geradas por essas concatenações de impressões e ideias, faz com que as convicções mais sofisticadas sejam diferentes umas das outras, mesmo tendo seus pontos de partida semelhantes . Tais concatenações não se desenvolvem em um vácuo, mas são confrontadas umas contra as outras frente ao ambiente social e também a realidade material. Asma diz que assim a imaginação não é apenas uma maneira de (re)descrever o mundo, mas que realiza um novo mundo de forma constante e assim cria mundos perceptivos (em alemão, Umwelten) que permitem o florescimento da arte e da ciência .

Ao longo das diferenças e da projeção destas diferenças no mundo, as diferentes formas de ver o mundo e sua maneira de lidar com ele se modelam em culturas. As semelhanças e diferenças nas concatenações de convicções revelariam um imenso número de sistemas culturais semelhantes, diferentes, parecidos e que estariam constantemente influenciando uns aos outros, muitas vezes englobando convicções alheias e tornando-as parte de seu sistema de visão de mundo, remodelando as convicções e encaixando-as de um jeito ou outro nem suas cadeias de convicções. A causalidade então seria a cola que liga não só as crenças mais básicas, mas aquelas de níveis maiores, que formam sistemas de ideias complexos, porém possui a versatilidade para associar os seus elementos de diferentes formas e não de apenas uma única.

Importante lembrar que, ainda que estes sistemas sejam constituídos de ideias com impressões secundárias ou reflexivas, as impressões que eles geram são extremamente fortes. A transmissão de força e vigor que caracteriza uma convicção, se torna generalizada em um sistema muito antigo de tradições, por exemplo. Não é uma tarefa simples a mudança de convicção, principalmente se as impressões geradas pelas ideias que a mantém em seu lugar forem firmes, ou seja, constantes e compartilhadas por um grande número de influências (sejam pessoas, símbolos, meio que se encontram, etc) que continuam a gerar as impressões.

São estas formas de ver o mundo, originadas de um sistema de crenças construídas por concatenações de convicções, que constitui as diferentes

culturas. Cada uma desenvolvida por alterações pequenas nestas cadeias causais, mas que causaram grandes diferenças em algumas partes, assim como similaridades em outras partes de seus sistemas. São estas as bases que cada cultura possui como certa.

VI - A Certeza e a Cultura

Cada explicação sobre o mundo e sobre as causas que ocorrem nele desta forma, não possuem mais uma base fixa. Visto que é no raciocínio demonstrativo onde é impossível chegar a uma conclusão diferente do que as premissas apontam, quando se observa a respeito do mundo, o cenário é diferente. Frente às probabilidades do que pode ou não ser, é a experiência e a repetição dela, que constroem o hábito e a causalidade. O problema poderia estar resolvido se este fosse o fim da história. Nossos sentidos são muito semelhantes biologicamente, e isso não deveria fazer surgir muitos desacordos. Porém, as ideias são misturadas com impressões não só dos sentidos, mas de emoções e sensações. Para complicar mais, as próprias ideias geram novas impressões. E este processo se repete em uma cadeia longa. Deste modo, em algum lugar deste caminho, alguns processos continuarão por caminhos diferentes uns dos outros. E assim, surgem convicções diferentes a respeito do mundo, não encontradas no mundo, mas projetadas pela mente.

Como a própria linguagem é um meio próprio de transmissão de convicção, mas não o único meio, e como todas as concatenações de convicções podem ter semelhanças e diferenças ao longo de seus desenvolvimentos, os resultados disso são expressões humanas diferentes, tanto em grupos, quanto individualmente. Para Hume, a cultura e suas expressões, como o estado e a religião, são ficções criadas pela imaginação sem o crivo da razão e onde as ideias estariam mais soltas para se associarem.

O surgimento da imaginação e por tabela, suas funções de associação de ideias e causalidade, surgiram de acordo com West et al. (2022), antes da linguagem, da lógica e mesmo do neocórtex expandido, que garante a maior parte das funções ditas superiores que garantem o comportamento social humano. Ainda de acordo com o autor, existem aproximações com a visão natural de Hume sobre os processos cognitivos humanos:

É próximo de como animais se viram no mundo. É a vida límbica dos pressentimentos e respostas rápidas, nos ajudando a detectar rapidamente quem é um amigo, um inimigo, um parceiro sexual, e mais sutilmente, as relações sociais; quem é um bom caçador, quem é confiável, quem me deve algo, e como eu devo tratar a pessoa que se aproxima nesse instante. A mente, dessa perspectiva, evoluiu para ser chamada de um “afiador hedonístico” ao invés de um processador de informações. Reduzindo assim o barulho experimental, fazendo com que cada repetição de aprendizagem de tentativa e erro, mais perto do prazer ou satisfação (ou mais amplamente, da homeostase). A mente tenta maximizar os afetos positivos e diminuir os afetos negativos.(TRADUÇÃO NOSSA)¹⁶

É com base na tentativa e erro, nesse feedback que ocorre, que a mente então vai se modulando e reforçando mais suas concatenações de convicções, e especialmente aquelas mais prazerosas que limpam o quase sem fim de experiência que temos dos sentidos com os eventos no mundo, são as que permanecem.

Entretanto, como já dito em outro momento do presente trabalho, o próprio Hume não separa os dois tipos de imaginação de forma tão abrupta, sendo que em ambas pode ocorrer relações em que certas ideias são levadas a outras por associações irresistíveis na mente. Dessa forma, as ficções não seriam tão diferentes das ideias que possuímos mais básicas advindas das impressões que levam a certas ideias. As ficções seriam como a junção em uma escala de milhares de passos da concatenação de ideias e impressões, tão distantes da impressão inicial que se tornaram uma realidade em si mesmas.

A constituição humana é feita de semelhanças e diferenças em diversos níveis (biológicos, sociais, ambientais, psicológicos, etc) e principalmente, de experiências. Assim, a base das impressões tomam diversas vias, comuns e

16 It's closer to how animals get around in the world. It's the limbic life of gut feelings and rapid responses, helping us detect quickly who is a friend, an enemy, a sexual partner, and more subtle social relations: who is a good hunter, who is reliable, who owes me, and how I should treat this approaching person right now. The mind, from this perspective, evolved to be a so-called “hedonic sharpener” rather than an information processor. A hedonic sharpener reduces experimental noise, bringing each repetition of trial-and-error learning closer to pleasure or satisfaction (or, more broadly, homeostasis). The mind tries to maximize positive affect and reduce negative affect.”

diferentes, que se constituem em convicções mais ou menos compartilhadas, e dessas em concatenações de convicções da mesma forma mais ou menos compartilhada entre os indivíduos. É dessa forma que culturas possuem visões de mundo diferentes uma das outras, e mesmo que grupos dentro de uma mesma cultura podem se diferenciar. Também é pelo movimento destas concatenações de convicções que a cultura se modifica, influencia e é influenciada, e escapa facilmente a determinações rígidas onde começa e onde termina.

A expressão cultural e uma busca por significado, também é alimentado pela causalidade e pelas concatenações de convicções. A própria noção de uma finalidade (telos) para a existência humana, se constitui como parte do pensamento dessas concatenações. O pensamento de causas e efeitos tentam definir início e fim de um processo, e as convicções por eles geradas tentam garantir que uma convicção final apareça e responda colocando um ponto final na angústia existencial. Porém o que é efeito de um se torna causa de outro processo, e ele continua de forma a não encontrar sua finalização.

Tal processo continua de forma muito sutil, imperceptível, pois a sucessão de eventos do mundo não cessa. Ainda que certas convicções permaneçam muito fortes, as gerações que as carregam passam, e os eventos que acometem cada novo ser humano que venha ao mundo não garante que uma convicção por mais forte que seja, tenha a garantia de continuar intacta. De fato, as transmissões ocorrem, mas sempre se modificando.

A imaginação então, contribui de acordo com Asma, não apenas para a noção fantástica, mas ela é essencial para as atividades do dia-a-dia, pois ela ocorre simultaneamente as percepções de tempo real formando um presente duplo co-existente, tanto destas percepções como dos julgamentos que processamos. Assim, o real é duplo, com uma camada de segundo universo permeando-o. Ainda que existam problemas com associações que levem a teorias da conspiração, esta capacidade imaginativa permite aproveitar a maior parte das potencialidades do real e de extrair diferentes experiências.

VII - Considerações Finais

Frequentemente a investigação filosófica reúne elementos o suficiente para a formação de um conceito. Tal conceito possui as características destes elementos que ele abarca. O método de investigação de Hume se propõe a fazer o oposto, onde antes a análise do conceito inicia seu processo de fragmentação e não de um conceito para ser construído outros para explicá-lo. E este processo demonstra quais são os processos que o formaram. Independente se um conceito é válido ou não, se ele faz parte de um processo lógico, Hume não procura fazer esse tipo de crítica. Seu alvo se concentra em de que forma todo e qualquer conceito é formado na mente humana, independente se a realidade ou uso deste conceito é pertinente.

O mundo então é inicialmente responsável pelas primeiras informações que o corpo dispõe. Tais informações, que são as impressões, não se configuram apenas como exteriores, mas também correspondem aos estados sentimentais e emocionais nos quais surgem no próprio corpo. Tal cenário demonstra, que já existe uma mistura de elementos, que afetam as ideias de forma conjunta. E também aponta para uma impossibilidade de concordância com a ideia cartesiana da separação de mente e corpo. Isso tudo produz reverberações que são impressas na mente, na forma de ideias. Tais ideias, simulacros do que eram as impressões, continuam na mente ainda que as impressões que as originaram desapareceram. Importante perceber, as impressões são diferentes uma das outras não apenas no que afetam, mas na intensidade que afetam. Assim, da mesma forma como existem impressões de diferentes intensidades, o mesmo pode-se falar sobre suas cópias mais tênues, as ideias. Certas ideias logo serão mais fortes que outras. O importante nesta parte é notar que não existe nenhuma ideia que não tenha como origem uma impressão. Assim, Hume consegue investigar a origem dos conceitos já estabelecidos e examinar de forma crítica como tais conceitos surgiram.

O grau de força de uma ideia é transmitido da impressão para as ideias. As ideias com intensidades menores são aquelas que mal possuem ligações

de impressões para ideias, as mais puras em relação à imaginação especulativa. As ideias fantasiosas, dos sonhos, de tudo aquilo que consideramos um faz de conta, onde não existe uma relação forte que nos convence que tal ideia é real. Do outro lado, as ideias mais fortes se tornam convicções, ligadas sempre por conexões fortes que transmitem das impressões para as ideias a força das primeiras. Assim, tais ideias se tornam tão relevantes como se fossem impressões elas mesmas.

O principal mecanismo de transmissão desta força e vivacidade é a relação de causalidade. Tal relação cria ideias em si mesmo fortes, e constitui um dos graus mais elevados de convicção. É neste ponto que a investigação de Hume o leva a procurar como tal ideia é construída, e se tal conceito pode dar uma resposta firme para o que se constitui a base do conhecimento humano. Entretanto, como diz Norton, a ideia de causalidade em Hume foge do que normalmente se entenderia como causa e efeito, e muitos consideram as definições de Hume defeituosas, ainda que o próprio Hume não. O que o autor relata, é a maneira como formamos a ideia e não a ideia em si concebida, ou seja, não o seu “ideal de ideia”. A definição de causa e efeito seria imperfeita, mas assim o é por causa da inexistência daquilo que desejaríamos que existisse em uma ideia de causa e efeito; o poder ou a conexão necessária, advém então de objetos alheios a causa, e não fazem a própria causa em si mesma. A própria substância da causalidade falta.

Assim, a noção de causalidade deve ser formada na mente de outra forma. Na falta de uma conexão necessária no mundo, mas que a mente ainda possui convicção nela, outro tipo de impressão a deve gerar. Tal impressão se encontra na repetição. A experiência de um fenômeno por diversas vezes, tais fenômenos sendo semelhantes entre si e com resultados semelhantes, leva a mente a antecipar o resultado. Tal ideia de antecipação é o resultado do hábito. Este hábito estaria assim no coração do conceito de causalidade, ele que seria a fonte de força deste conceito, de uma das convicções mais fortes que possuímos. A generalização para todos os outros casos em outros lugares e também no futuro, ou seja, a pressuposição de uniformidade da natureza, não possui outra base a não ser o hábito de que o passado se repita no futuro, ou mesmo de que cada caso tenha o

mesmo resultado que outro caso semelhante.

A ideia de causalidade não é apenas contida nas impressões diretas do mundo que são transpostas para ideias. Tais ideias sobre o mundo, quando carregadas de força e vitalidade, e como foi dito, podem ser confundidas com impressões também. Assim, estas impressões secundárias serviriam igualmente como *input* para surgimento de novas ideias. Desta forma que a ideia de causalidade carregaria as convicções a níveis cada vez mais amplos, em uma concatenação de impressões e ideias secundárias.

E é neste caminho longo que qualquer alteração em qualquer ponto, pode fazer com que ideias surjam totalmente diferentes (e mesmo contrárias) a respeito da interpretação do mundo. São estas interpretações, que tornam as visões de mundo tanto pessoais quanto culturais tão diferentes umas das outras. Além disso, todas estas linhas que levam estas convicções influenciam umas às outras, tornando mais complicado ainda suas relações.

A cena destes processos se encontram na imaginação. É ela, no final de tudo, a que possibilita as combinações possíveis das ideias e também a antecipação do futuro com base no passado, no qual a causalidade se utiliza. Tanto as associações livres quanto as convicções, precisam passar pelo processo imaginativo e são por eles originados. Mesmo as convicções mais fortes, muitas vezes chamadas por Hume de ficções, são maneiras nas quais a mente interpreta o mundo e não o mundo em si. O contato do mundo em si simplesmente não faz sentido para a filosofia humeana, no qual todo conhecimento é mediado pela experiência e não a priori. Isso quer dizer, que apenas a absorção das impressões na mente e a combinação das cópias destas é o processo relevante, e isso é tudo o que podemos dizer a respeito do conhecimento.

A imaginação assim tanto absorve os elementos do mundo quanto projeta o seu processamento no mundo. E é nessa imaginação que ocorre também os processos da razão. Razão essa que ao longo da história foi tratada como separada da matéria, uma faculdade superior do homem em relação aos outros seres do mundo. A naturalização da razão, como surgida através da experiência do

mundo e do modo como os seres humanos (e também outros animais) de acordo com o que diz Hume, encontra paralelo em pesquisas recentes que sugerem que a imaginação surgiu de uma abertura na mente, que possibilitou diferentes respostas a estímulos, ao invés de uma única direta. Com o tempo, esta abertura permite gerar informação nessa abertura, não apenas lembrar e processar a informação. E com isso, surgiu a criação de representação de coisas que nunca estariam ali, mas poderiam estar, já na mente do Homo Erectus do período Pleistoceno (2 a 11 mil anos).¹⁷

É essa capacidade de inferência de possibilidades, naturalizada pelo hábito, que permitiu então não só um atalho pelos problemas apresentados mais diretamente no dia-a-dia, mas também a criação de outros mundos de representação. Se mostra assim como uma capacidade ambígua, tanto de retratar o mundo como temos acesso ao conhecimento dele, preservando-o de uma forma mais ou menos estável, e também de destruir e criar novos mundos através do surgimento e destruição de convicções que se refletem nas visões de mundo de cada ser humano e cultura.

17 Cf. Weyersberg, M., Asma, S. T., & Hains, B. (2017, 11 de Setembro). Imagination is such an ancient ability it might precede language. Aeon.

Referências

- Beebee, H. (2006). *Hume on Causation*. Routledge.
- Cottrell, J. (n.d.). *Hume, Imagination*. Internet Encyclopedia of Philosophy. Retrieved Julho 22, 2024, from <https://iep.utm.edu/hume-ima/>
- Hume, D. (1740). *A Treatise of Human Nature* (L.A. Selby-Bigge ed.). Oxford - Clarendon Press.
- Hume, D. (2007). *An Enquiry Concerning Human Understanding* (P. Millican, Ed.). Oxford University Press, UK.
- Morris, W. E., & Brown, C. R. (2001, February 26). *David Hume* (*Stanford Encyclopedia of Philosophy*). Stanford Encyclopedia of Philosophy. Retrieved Julho 30, 2024, from <https://plato.stanford.edu/entries/hume/>
- Norton, D. F., & Taylor, J. (Eds.). (2009). *The Cambridge Companion to Hume*. Cambridge University Press.
- West, V., Asma, S. T., & McKean, C. A. (2022, May 26). *Why we need a new kind of education: Imagination Studies*. Aeon. Retrieved Julho 25, 2024, from <https://aeon.co/essays/why-we-need-a-new-kind-of-education-imagination-studies>
- Weyersberg, M., Asma, S. T., & Hains, B. (2017, September 11). *Imagination is such an ancient ability it might precede language*. Aeon. Retrieved Julho 20, 2024, from <https://aeon.co/essays/imagination-is-such-an-ancient-ability-it-might-precede-language>